

Artigo

A indiferença do outro parental: uma figura da violência moral

Patricia Serfaty

Resumo. Este artigo tem o objetivo de explorar certos aspectos relativos à problemática da violência moral, com o objetivo de compreender melhor algumas de suas modalidades. O foco maior desta investigação se dirige à violência exercida de maneira silenciosa e encoberta, em particular, no contexto da família. Foi examinada, então, a questão da violência exercida por parte do cuidador quando comporta ausência de investimento no *infans*. O desamor é posto como violência de extrema indiferença praticada por pais gentilmente narcisistas. Trata-se de uma atuação de caráter perverso, que ocorre pela via da indiferença, por uma velada negligência, a qual implica o apagamento silencioso do *infans*.

Palavras-chave: violência moral; indiferença; psicanálise; violência silenciosa.

La indiferencia del otro parental: una figura de violencia moral

Resumen. Este artículo tiene como objetivo explorar ciertos aspectos relacionados con el problema de la violencia moral, con la intención de comprender mejor algunas de sus modalidades. El foco principal de esta investigación se dirige a la violencia ejercida de forma silenciosa y encubierta, en particular, en el contexto de la familia. Luego se abordó el tema de la violencia ejercida por el cuidador cuando ello implica una falta de inversión en el *infans*. El desamor se define como la violencia de la indiferencia extrema practicada por padres amablemente narcisistas. Es una actuación de carácter perverso, que se produce por la indiferencia, por una negligencia velada, que implica el borrado silencioso del *infans*.

Palabras clave: violencia moral; indiferencia; psicoanálisis; violencia silenciosa.

The indifference of the parental other: a figure of moral violence

Abstract. This article aims to explore certain aspects related to the problem of moral violence, intending to better understand some of its modalities. The focus of this investigation is headed to the violence exercised in a silent and covert way, particularly, in the family context. The issue of violence exercised by the caregiver when this entails a lack of investment in the *infans* was then examined. Lack of love is defined as violence of extreme indifference practiced by kindly narcissistic parents. It is a performance of a perverse character, which takes place through indifference, through a veiled negligence, which implies the *infans*' silent erasure.

Keywords: moral violence; indifference; psychoanalysis; silent violence.

* Psicanalista clínica e professora. Doutoranda em Bioética e Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: patriciafserfaty@gmail.com

L'indifférence de l'autre parental : une figure de la violence morale

Résumé. Cet article vise à explorer certains aspects liés au problème de la violence morale, dans l'intention de mieux comprendre certaines de ses modalités. L'objectif principal de cette enquête est dirigé vers la violence exercée de manière silencieuse et secrète, en particulier, dans le cadre de la famille. La question de la violence exercée par l'aidant lorsque celle-ci implique un manque d'investissement dans l'infans a ensuite été abordée. Le manque d'amour est défini comme une violence d'extrême indifférence pratiquée par des parents bienveillants et narcissiques. C'est une performance à caractère pervers, qui se fait dans l'indifférence, dans une négligence voilée, qui implique l'effacement silencieux de l'infans.

Mots-clés: violence morale; indifférence; psychanalyse; violence silencieuse.

Esta pesquisa surgiu de interrogações acerca da origem de determinadas modalidades de violência, cujo incômodo se situava na existência de uma modalidade da qual o sujeito não pode se defender, pois a dificuldade em detectá-la consiste no fato de não estar atrelada especificamente a atos caracterizados por agressividade, tratando-se de formas mais silenciosas de exercício de violência.

A variedade de espaços em que essas modalidades se disseminam sem nenhuma intervenção contrária ou combativa ocorre, entre outras determinações, em razão da dificuldade de reconhecimento dessa agressão indireta, silenciosa e invisível com que seus prejuízos psicológicos são dimensionados, muitas vezes, nos sujeitos que são vítimas das referidas agressões. O desmentido da violência sofrida atua como perpetuador do trauma que se hospeda naquele que a sofre como um residente permanente. O foco central é destacar a problemática da violência parental por via da indiferença, assim como explorar a questão da ausência de investimento afetivo como agenciadora de uma dimensão de violência brutal, que imprime falta de valor e o apagamento silencioso do outro. A partir do aporte teórico de Nicole Jeammet, este estudo evidencia a violência moral de pais "gentilmente narcisistas", por meio da qual a suavidade da violência exercida, cuja base seria a ausência de interesse no outro, seria geradora de profunda confusão nos sujeitos agredidos, assim como naqueles que se encontram ao redor desses indivíduos e não conseguem perceber a violência.

A indiferença do outro parental: uma figura da violência moral

Nos primeiros estágios de intercomunicação do bebê com seus cuidadores se estabelecem as bases para a futura saúde mental desse indivíduo. O êxito dessa relação se traduz na forma de um crescimento pessoal possibilitado por provisão ambiental bem-sucedida. A psicanálise reconhece a instabilidade psíquica e emocional que os cuidadores vivenciam e que tal experiência é disruptiva. No período em que a mãe vivencia a experiência da preocupação materna primária – o que Winnicott (2020) apresenta como um estado que pode durar algumas semanas ou mesmo meses após o parto –, ela quase se perde numa identificação com seu bebê. Nessa condição, a mãe assume a vulnerabilidade do filho.

É a capacidade materna de corresponder às mudanças e às necessidades nas fases de desenvolvimento de seu bebê que permite que ele experimente estados de confiança, inicialmente não integrados. Winnicott (2020, p. 113) assegura que "o bebê passa a acreditar em uma confiabilidade nos processos internos que levam à integração em uma unidade". O autor salienta que o bebê não registra o que é comunicado, mas apenas os efeitos da

confiabilidade, gravados na forma de um desenvolvimento constante. Essa relação, quando exitosa, transmite um sentimento de ser amado. Para tal, o cuidador deve estar emocionalmente investido e disponível para o confronto de desamparos, pois “o bebê se comunica por meio de seu desamparo, de sua dependência” (Winnicott, 2020, p. 118).

Pensando a função materna no enlace com o outro primordial, constata-se que algumas crianças se deparam com dificuldades para alcançar o estatuto de Sua Majestade o Bebê (Freud, 1914/2018). Discutindo as questões do laço simbólico entre mãe e bebê, nas quais a função que os cuidadores exercem ocupa lugar especial na constituição psíquica daquele que é cuidado, Jerusalinsky (2002, p. 83) salienta que “a criança existe psiquicamente na mãe muito antes de nascer, muito antes de ser gerada”. O bebê já nasce imerso em um universo simbólico. Contudo, o encontro real poderá não corresponder ao que seria esperado.

O estabelecimento dos vínculos afetivos contribui para que os elementos transmitidos pelas gerações anteriores funcionem como precipitações e cristalizações, configurando microuniversos relacionais dentro dos quais as interações acontecem. Pode-se destacar, então, que os princípios que compõem a análise da transmissão psíquica, como a importância das relações intersubjetivas, os mecanismos de defesa que sustentam a transmissão de conteúdos não elaborados, a função da transmissão e as formas de apropriação são primordiais para a compreensão mais aprofundada do processo de formação do vínculo mãe-filho (Gutierrez & Pontes, 2011).

A construção da alteridade demanda disponibilidade psíquica para que haja trocas prazerosas nessa relação. Concomitantemente, realizam-se o processo de constituição psíquica do bebê e o da construção da maternidade/paternidade. O desencontro na relação bebê-cuidador, que pode resultar na ruptura da díade, pode ocorrer a partir da insuficiência ou ausência do olhar, que funda a própria possibilidade da constituição da imagem com o corpo na relação com o semelhante, sendo que o não olhar entre uma criança e seu cuidador assinala o perigo de problemas muito cedo na relação com o outro (Laznik, 2004).

Afirma Inglez-Mazzarella (2006, p. 80) que “toda a vida psíquica se encontra no impulso para transmitir algo: afetos, mecanismos de defesa, sintomas, traumas. . .”. A transmissão de sentimentos entre mãe e filho inicia-se durante o período fetal, durante o qual a criança já absorve as mensagens que lhe são transmitidas, e se intensifica após o nascimento, por meio dos cuidados a ela dispensados (Gutierrez & Pontes, 2011). Quando essas mensagens são transmitidas sem significação, se tornam sem possibilidade de integração no psiquismo da criança, que faz-se depositária delas e forçosamente herdeira, acarretando, muitas vezes, prejuízo para sua individuação, tendo, desse modo, seu processo de singularização comprometido (Inglez-Mazzarella, 2006). Se os conteúdos transmitidos forem muito negativos e invasivos, a criança, por não contar com um psiquismo maduro o suficiente para compreendê-los, corre o risco de se identificar com o negativo, com aquilo que não pôde ser elaborado no psiquismo de seus pais.

Assim, para “libertar” os pais, a criança se constitui num “continente de negativo”. Para isso, ela toma o lugar daquilo que deveria ser mantido escondido, daquilo que não deveria ser dito nem pensado “A criança não é mais herdeira, mas torna-se o negativo de seu conteúdo” (Granjon, 2000, p. 30). O infante pode, assim, se ver no papel de ter que preencher um vazio de alguém que não pôde realizar seu luto, que não pôde diferenciá-lo como um ser separado. Este indivíduo que não trabalhou sua perda e que obriga a criança a ocupar esse vazio pode ser a própria mãe, com seus desejos, transmitindo algo que o infante não pode simbolizar. A presença do objeto é imprescindível para possibilitar a representação de sua ausência, para

permitir a instauração dos limites entre interno/externo e entre as instâncias psíquicas. Supomos haver potencialidade traumática naquele que é cuidado diante da ausência de efetivo investimento por parte do cuidador. Esse contexto refere-se, particularmente, à dimensão de indiferença que pode caracterizar essa relação.

As raízes da experiência traumática na vivência de indiferença encontram seu ponto de partida numa violência vivida no primeiro contato com a alteridade. A violência exercida por meio da indiferença se articula, como desejamos mostrar, com a problemática da perversão narcísica – nosso foco central –, a qual não está necessariamente vinculada à violência atuada, mas pode ocorrer como violência indireta atinente à recusa da alteridade. Jeammet (2001) destaca a violência moral de pais gentilmente narcisistas numa obra que apresenta clássicos da literatura que apontam essa violência invisibilizada, muitas vezes desmentida pelos olhares externos, pois, nesse tipo de situação, os pais são considerados como aqueles que, como suposição básica, estão no lugar inarredável do amor e do cuidado. A indiferença pela ignorância de vínculo, mencionada pela autora é a indiferença do ambiente aliada à sensação de incomunicabilidade sofrida. Jeammet (2001), ao abordar os tipos de violência que as crianças sofrem por parte de seus pais gentilmente narcisistas, indica que o controle, assim como a indiferença, pode levar à aniquilação do outro. A autora explora situações banais que aportam violência e destruição. No estudo realizado por ela, o recorte concerne ao apagamento silencioso pelo outro. Nesse caso, aos poucos, a mãe, ou cuidador, se retira da relação estabelecendo um congelamento afetivo, uma toxicidade veiculada pela vivência de indiferença. Esse será o objeto central do que será desenvolvido neste artigo.

Desencontro e alteridade: violência moral de “pais gentilmente narcísicos”

A violência perversa nas famílias constitui uma malignidade difícil de ser detectada e tende a ter caráter transgeracional no que concerne a suas determinações inconscientes. O desamor constitui uma modalidade de violência e se refere a um sistema de destruição que, em determinadas famílias, desaba sobre uma criança. Nesse caso, não se trata apenas de ausência de amor, mas de uma violência constante que o infante interioriza a ponto de, muitas vezes, vir a assumir, como resposta defensiva extrema, a violência exercida sobre ele por meio de comportamentos autodestrutivos ou heterodestrutivos. Os maus-tratos psicológicos são difíceis de detectar, pois as crianças não conseguem reagir porque “a força e a autoridade esmagadora dos adultos deixam-nas mudas podendo fazer com que percam a consciência” (Hirigoyen, 2014, p. 47).

Tais formas de violência podem ser exercidas por meio da violência verbal, recusa afetiva e de comportamentos sádicos e de desvalorização. Jeammet (2001) destaca que a violência moral de “pais gentis” se estabelece por meio de uma rejeição afetiva sutil. Tais cuidadores não são violentos porque batem, agridem ou usam palavras hostis, mas porque não manifestam real interesse por seus filhos. Apesar de se comportarem de modo gentil e serem solícitos em relação às necessidades do infante, estão desinvestidos dele afetivamente.

Nas violências exercidas por pais gentilmente narcisistas, os genitores parecem, em determinados casos, agir para assegurar sua própria bondade pelo medo inconsciente de serem atacados ou abandonados pelo filho. Suprir a criança é preencher a si mesmo tentando evitar sentir seus próprios sentimentos negativos. Nesse cenário, a mãe não protege adequadamente seu bebê de experiências ruins, pois em vez de levar em conta as necessidades da criança, tende,

muitas vezes, a impor sua própria vontade. Um ódio não expresso pode manter sua fantasia potencial, sendo que esse ódio negado tenderá a permanecer inconsciente e ativo na mãe por meio de um trabalho silencioso de ataque (Zornig, 2015).

Os pais negligentes no papel do cuidado podem ser considerados como agentes de violência, posto que a negligência não é inócua. Os efeitos da incúria com sua prole reverberam na fase adulta do sujeito. Ao contemplar as relações familiares e o exercício do cuidado materno, o objetivo não é buscar mostrar os efeitos da impossibilidade do lugar do cuidado, mas salientar o potencial traumático para aquele que é cuidado. O traumático da vivência de indiferença afetiva se apresenta como uma forma singular de padecimento psíquico. A indiferença como acontecimento permeado pelo excesso constitui impressões psíquicas que escapam ao circuito representacional.

Desse modo, a violência moral de “pais gentis” promove uma experiência traumática devido à incapacidade parental de fazer a criança sentir-se amada. O campo de sua percepção fica comprometido. “A criança não pode construir percepções reais a não ser em um clima seguro e confiável, no qual sabe onde está situada em relação a cada um dos pais; sabe o que é para eles, que é amada e aceita por cada um deles” (Schor, 2017, p. 101). O infante vê-se obrigado a se proteger das experiências de dar e receber, pois os pais não são capazes de sustentar seu investimento numa relação emocional. Fairbairn (1941/1952, p. 32) menciona que “o maior trauma que uma criança pode experimentar é a frustração de seu desejo de ser amada como pessoa e que seu amor seja aceito”.

Esse autor salienta que ser amado como pessoa significa ser reconhecido como ser único e aceito em sua singularidade. A partir de tais considerações, compreendemos os pais gentilmente narcisistas como infanticidas do eu; o *self* da criança tende a ser anulado diante da frieza e da indiferença parental, o que configura uma experiência de excesso. A indiferença experimentada consiste numa modalidade de abuso que esvazia, desvitaliza e debilita psicicamente. O apagamento do eu acontece por meio de um processo silencioso e imperceptível tanto para o infante quanto para o entorno social.

Uma ilustração

O filme apresentado e comentado a seguir será abordado como elemento de análise acerca da questão da impossibilidade do lugar do cuidado materno e os desdobramentos do potencial traumático da vivência de indiferença, presentes nessa narrativa específica, na relação com o filho.

Sem Amor é um filme russo, do diretor Andrey Zvyagintsev Ariocha, que apresenta a história de um casal em processo de separação que negligencia o lugar do cuidado parental. Ambos aguardam a venda do apartamento para seguir suas vidas em novos relacionamentos. Contudo, o filho Alexey, de 12 anos, não faz parte dos planos de reconstrução familiar. Os pais conversam sobre a intenção de enviarem o menino a um internato para que, ao completar 18 anos, ele siga para o alistamento no exército. A perversão moral já se enuncia no diálogo dos pais mediante a preocupação com a possível reação que poderão ter os assistentes sociais, psicólogos infantis e a ouvidoria ao saberem que os pais intencionam optar pela ida do menino para o internato. O contraste do lar, aconchegante materialmente, mas sem amor e acolhimento, é refletido nas lentes do diretor pela cena do menino, ainda acordado, ouvindo atrás da porta a conversa dos pais sobre seu destino, sendo tomado pelo sentimento de desamparo e pelo pranto.

O olhar da mãe é constantemente atraído para o celular durante os momentos em que ela está com o filho. É exibido ao espectador o perfil que ela apresenta nas redes sociais, no qual não há o registro da existência da criança, sendo sua atenção exclusivamente direcionada ao seu novo relacionamento. O pai compartilha uma moradia com outra mulher, que já se encontra grávida. Os genitores esperam a venda do apartamento para levar adiante os planos de se desfazer do filho e do casamento.

Alexey, após ouvir a conversa, desaparece por dois dias. No entanto, os pais desconhecem o paradeiro da criança por não terem dormido em casa. Ao receber a ligação da escola reclamando a ausência do menino nas aulas, a mãe percebe a sua própria negligência. A polícia é acionada e, em seguida, alguns grupos de busca entram em ação. Após vários meses, a criança permanece desaparecida até que em certa manhã os pais são chamados a reconhecer o corpo de um menino encontrado no rio. Ambos se veem diante do impacto da perda do filho, manifesta na negação do reconhecimento desse corpo. A culpa inadmissível invade o casal no registro de uma existência sombria e desvitalizada de suas novas vidas.

A recusa do filho e o desprazer no que tange à função materna são expressos na fala de Zhenya, mãe de Alexey. em tom de confidência a seu caso extraconjugal: “Fiquei grávida de burrice”. “Tive medo de fazer o aborto e tive medo de manter”, “Eu não queria aquele filho”, “Quando o trouxeram para mim eu mal conseguia olhar para ele. Senti repulsa”, “Eu nem estava produzindo leite”.

Com relação à história do casamento de Zhenya com o pai de Alexey, a saída de sua cidade para se casar ocorreu devido à insuportável convivência com a mãe, que, além de não expressar amor, tratava-a com extrema irritabilidade, exercendo, sob diferentes aspectos, abuso psicológico. O casamento foi um movimento de libertação da referida antiga condição e a gravidez um acontecimento que, além de não ter sido planejado, não foi bem-vindo. Após o nascimento da criança, Zhenya não se permite afetar pela vulnerabilidade do bebê, não sendo capaz de excluir do seu cotidiano outros interesses, nem mesmo de maneira temporária, de modo a manifestar uma “preocupação materna primária”, como a capacidade de se identificar com seu bebê.

O genitor, por sua vez, precisava constituir família para garantir uma posição na empresa em que trabalhava. O filho, no vivido subjetivo que o pai parece expressar, era um acessório necessário à ascensão profissional. Crespim (2004) denomina como “catástrofe subjetiva” o desinvestimento do bebê real por parte das figuras parentais, que pode ser traduzido como abandono. Alexey não encontrou amparo na relação parental desde seu encontro inicial com seus cuidadores.

A violência moral exercida por essa dupla parental atingiu um potencial destrutivo que acabou culminando ulteriormente no suicídio de Alexey. Nessa relação está presente uma marca de não reconhecimento daquilo que é mais próprio da singularidade do sujeito, seu existir.

A recusa do filho está presente na fala de Zhenya, ao pontuar, por exemplo, a chegada do bebê como um estranho: “Quando o trouxeram para mim, eu mal conseguia olhar para ele. Senti repulsa”. Destacando outra fala da personagem: “Eu nem estava produzindo leite”, podemos refletir sobre sua indisponibilidade afetiva ao nos reportarmos a uma das acertadas formulações de Winnicott (2020, p. 93-94), segundo a qual o leite materno não flui como excreção, mas como “uma resposta a um estímulo que envolve a visão, o olfato e o toque de seu bebê, além do som de seu choro, que indica uma necessidade”. O autor aborda o desenvolvimento emocional primitivo, que consiste no potencial inato de desenvolvimento e maturação do bebê; e o ambiente, que apoia, falha ou traumatiza (Santos & Zornig, 2014).

Alexey vivenciou um apagamento silencioso, tendo sido removido da relação com os pais por meio de um congelamento afetivo, tornando-se um empecilho para a vida de ambos, de acordo com a maneira como eles vivenciaram a existência do filho.

A vivência de indiferença e suas implicações

Jeammet (2001) postula que a maneira como aprendemos a amar o outro é aprendida a partir de certas experiências fundantes: na concavidade dos braços maternos que sustentam o bebê, se aprende o amor. Nos braços e através do olhar do cuidador, se obtém o apoio para aprender a qualificar os próprios sentimentos. No entanto, quando não existe real interesse por parte do cuidador e seu manejo não é investido afetivamente, a desimplicação relacional pode apresentar potencial traumático para aquele que é cuidado. A segunda experiência se baseia na maneira como o pai se impõe ou não nessa relação inicial com a figura materna. A terceira experiência ocorre a partir da forma como os pais se amam entre si; uma criança precisa que seus pais se amem e se reconheçam em suas diferenças; nesse caso, se estabelece certa garantia para que o infante se permita ser diferente, sem o medo de perder o amor dos pais (Jeammet, 2001).

A autora também aborda a violência moral como modalidade de violência exercida de forma invisível na relação com o outro, sob o pretexto de bons sentimentos. Nesse caso, a criança é presa em um modo de funcionamento relacional de comportamentos destrutivos, nos quais é manipulada de maneira permanente. A violência advém de forma indireta, como consequência da dificuldade existencial interna do agressor, o qual parece se preocupar unicamente com a própria necessidade de se autoafirmar e de suprir a si mesmo.

O ponto de reflexão que o estudo de Jeammet (2001) nos traz é a abordagem de certas violências que nascem de um ambiente supostamente amoroso e pacífico. Nesse caso, a violência moral é exercida na relação com o outro sob a capa de bons sentimentos, algo não facilmente discernível. Trata-se de uma modalidade de violência que não é conscientemente reconhecida por quem a exerce, acontecendo indiretamente. Isso ocorre, muitas vezes, por consequência de dificuldades existenciais internas no universo psíquico da figura materna, dificuldades que parecem revelar uma dinâmica em que o outro é radicalmente ignorado. Essa forma de violência está relacionada com o desconhecimento do lugar do outro.

Segundo Jeammet (2001), ao investigarmos os elementos psíquicos implicados naqueles sujeitos que desconhecem o lugar do outro, somos interrogados sobre a questão dos limites e dos impasses no processo de construção de uma representação aceitável de si. Essa falha pode levar esses indivíduos a usar e manipular constantemente o outro, de modo que possam carregar as próprias baterias por meio da relação de domínio e superficialmente parecerem infantilmente bons, aos seus próprios olhos. A violência moral atinge o outro em sua necessidade existencial de ser reconhecido e levado em conta, afetando, assim, sua identidade. A criança apanhada nessa espiral de violência a ela dirigida tem com frequência pais supostamente devotados e de boa vontade, sendo que, nessa gentileza relacional dos pais, o que pode estar em jogo é uma impossibilidade de se viver qualquer conflito interno.

A suposta gentileza, nesse contexto, impede uma comunicação real, feita de acolhimento, assim como uma efetiva abertura ao confronto e ao conflito. Estamos aqui abordando situações em que tende a existir na relação com o outro um extremismo de doçura, sem que, no entanto, se encontre uma aliança, um equilíbrio mantenedor de um real vínculo com o outro. É, portanto,

essa impossibilidade de abertura para o outro que caracteriza as situações às quais este estudo dirige seu foco, ou seja, sobre a violência encoberta, insidiosa no seio das relações familiares.

Na inviabilidade de detectar a origem do sofrimento imputado, o filho se vê destituído de aptidão para reconhecer a indiferença como violência, muitas vezes confundindo gentileza com atenção. O hiato afetivo não é percebido como indiferença, mas como incapacidade do próprio infante em corresponder às expectativas, não se achando interessante o suficiente para atrair o olhar e despertar o interesse dos pais.

Frequentemente nos deparamos com uma violência concebível, que se revela e que todos conhecem, tendo-a vivenciado ou não. É uma violência inaceitável, mas reconhecida, que tem o seu lugar em nosso cotidiano. Nos impacta, nos provoca sobressalto e estarrecimento, mas é normalizada. Desse modo, não percebemos a outra violência, aquela que é oculta e escapa à percepção, a que não é nomeada e que Mancel (2007) apresenta como: violência insidiosa. Esta diz respeito a uma atmosfera, não se trata de um ato, mas de um processo. Essa violência é insidiosa porque envolve ação deliberada. Insidioso é o que o agressor faz para que o outro consiga negar a si mesmo. O sujeito afetado não sabe mais nada, está no escuro. Não consegue se expressar, pois se encontra engolfado em um contexto que não está muito claro (Mancel, 2007).

A dimensão narcísica no âmago da violência familiar insidiosa

O aporte teórico de Green (1988) nos revela que o retrato de Narciso pode ser pensado como ser único, todo-poderoso pelo corpo e pelo espírito encarnado no seu verbo, independente e autônomo sempre que queira, mas de quem os outros dependem sem que ele se sinta portador do menor desejo em relação a eles. O narcisismo é o Desejo do Um. A relação narcisista não pode conceber o outro a não ser segundo o modelo do Um. Podemos considerar que a indiferença estaria fundamentalmente relacionada aos primórdios da constituição psíquica, em uma fase em que o ego estaria totalmente alienado ao objeto, “o que implica a negação da existência separada do objeto em prol de um domínio primordial de si, condição para a edificação das barreiras egoicas” (Efken, 2014, p. 34).

Os perversos narcísicos apresentam falhas graves na constituição do eu; com isso, estabelecem um modo patológico de relação com o objeto. Racamier (1986/2012) sustenta que se trata de uma patologia relacional que consiste na supervalorização de si mesmo à revelia do objeto. Para Freud (1914/2018), tais alterações deixam o eu relativamente vulnerável às emergências pulsionais, às pressões da realidade e às interdições e prescrições superegoicas aos conflitos intrapsíquicos e intersubjetivos (Figueiredo, 2018).

Ancorada na qualidade dos vínculos primários se estabelece a progressiva diferenciação entre sujeito/objeto. Em função de sua condição de prematuridade, o bebê somente sobrevive a partir das ações de um cuidador. Conforme sublinha Hornstein (2009, p. 41) “a mãe tem a difícil tarefa de estimular a atividade pulsional e de contê-la, de se oferecer e de se recusar como objeto de prazer”. Ao considerarmos a complexidade do processo de constituição subjetiva em nossos desenvolvimentos anteriores, buscamos destacar os efeitos da experiência de indiferença nos encontros inaugurais do sujeito psíquico.

Moraes e Macedo (2011, p. 44) propõem que a vivência de indiferença evidencia a incapacidade do objeto primordial de “dirigir um olhar amoroso para a criança que permita percebê-la, apaziguá-la e investi-la libidinalmente”. As autoras salientam que não se trata do

desdém da oferta por parte do adulto à criança, mas de uma marca de não reconhecimento daquilo que é mais próprio da singularidade desse outro: seu existir.

Logo, a precariedade de recursos psíquicos do eu evidencia a impossibilidade de captar os movimentos e as demandas da criança como expressões de diferença que, em sua existência, ela dirige à mãe. Trata-se de uma dinâmica de construção narcísica alicerçada na precariedade de relação com o outro, buscando incessantemente apagar a diferença que o outro constitui. O conceito de indiferença entra em cena articulado aos diferentes processos de constituição subjetiva e como vivência do sujeito, referida a uma experiência de desencontro primordial, da qual poderá resultar o predomínio de um desconhecimento a respeito de si mesmo. Moraes e Macedo (2011) ressaltam que, como resultante desse encontro traumático, instala-se uma matriz reprodutiva das intensidades atordoantes experienciadas pelo sujeito. “As vivências traumáticas são impactantes e engendram pactos mortíferos aniquiladores da condição de ser e estar no mundo, danificando a condição de existir como um sujeito psíquico, reconhecido e investido como tal no campo da alteridade” (Dockhorn & Macedo, 2016, p. 155). As pessoas marcadas por essa vivência frequentemente se apresentam em estado de desorientação e sensação de inexistência e inoperância.

A indiferença se apresenta como experiência vivenciada nos primórdios da constituição psíquica, podendo ser compreendida como ausência da condição de ajuda alheia. Não ser reconhecido pelo outro é o que caracteriza a vivência de indiferença, a qual, estando inserida no registro do narcisismo, tem caráter estruturante como negação indispensável para a criação de um espaço necessário à afirmação primordial de si (Green, 2007). A dimensão da vivência de indiferença diz respeito a uma modalidade de violência imposta ao infante por parte do cuidador num tempo primordial. É marcada pelo excesso pulsional causado pela negligência, que pode ser compreendida como ausência do cuidado materno.

O desamor também constitui uma violência. Jeammet (2001) resalta que o agressor, sendo, nesse caso, aquele que está no lugar do cuidador, pode exercer sua violência fazendo a criança pagar pelo sofrimento que ele próprio vivenciou. Portanto, a indiferença desferida à criança pode levar, como resposta defensiva, à reprodução do que foi experimentado com seus próprios pais, acarretando, desse modo, uma perpetuação da violência em sua prole. Essa será a herança da qual o eu poderá não conseguir se libertar, vindo a repeti-la indefinidamente como forma de administrar seus investimentos pulsionais. Nesse caso, o eu permanecerá capturado por esse modo de relacionar-se com o outro e, assim, buscará combater sempre a constatação de diferença própria ao campo da alteridade. O que foi dirigido a ele é, agora, dirigido ao outro.

A violência da tentativa de negar o outro em sua diferença denuncia a precariedade de sua capacidade de investir. Esse prejuízo repetido atualiza as fraturas no processo de constituição narcísica, e evidencia, assim, a violência traumática que passa a reproduzir-se no campo alteritário, ou seja, no encontro entre o eu e os objetos (Dockhorn & Macedo, 2016, p. 152-153).

Winnicott (1993) menciona que um bebê que não teve uma pessoa que lhe juntasse os pedaços inicia em desvantagem a sua tarefa de autointegração, e talvez nunca consiga realizá-la, ou apresente dificuldade em fazê-lo de maneira autoconfiante. A vivência de indiferença refere-se a um desencontro primordial no qual predomina dramaticamente o não reconhecimento da diferença que a existência do outro aporta. Nesse registro inaugural precário, a criança se vê prisioneira de um registro mudo, no entanto com força motriz de

indiferença (Moraes & Macedo, 2011). Trata-se de um dano psíquico decorrente da usurpação do direito infantil de existir.

Moraes e Macedo, 2011 também abordam uma manifestação da expressão dessa modalidade de sofrimento, o ato-dor, como se fosse uma memória da dor de indiferença. Ao ficar fraturado em seus recursos emocionais, o sujeito não consegue administrar o efeito da intensidade no si mesmo. É por meio do ato-dor que o desamparo psíquico é denunciado.

O caráter de excesso da vivência de indiferença não permite que as intensidades vividas encontrem vias de representação simbólica, sendo exposto por Moraes e Macedo (2011) como um padecimento situado aquém do processo de representação psíquica. Devido às falhas no processo de narcisização, o sujeito se vê impossibilitado de realizar inscrições de confiança em cujo encontro com o semelhante está a matriz de garantia; desse modo, o indivíduo não credita confiança nos domínios da alteridade.

A sensação de ser amada proporciona à criança a possibilidade de constituição do narcisismo positivo e a crença no amor objetal. A ausência de perturbações e a boa qualidade dos cuidados parentais são necessárias nesse período estruturante para a organização psíquica da criança.

Não se trata, portanto, de um eu desestruturado, mas de um eu permanentemente ameaçado pela diferença que a presença do outro aporta. O eu se manterá capturado nesse modo de se relacionar com o outro e, por isso, buscará combater a constatação da diferença própria no campo da alteridade. Tal repetição atualiza as fraturas no processo de constituição narcísica, evidenciando a fratura traumática que passa a se reproduzir no campo alteritário, isto é, no encontro entre o eu e os objetos. Nesse sentido, a insuficiente diferenciação sujeito/objeto ameaça o sujeito na garantia de sua continuidade ante a ausência do objeto: ao mesmo tempo em que ela ameaça o sujeito quanto à sua integridade perante a presença do objeto (Savietto, 2010). Desse modo, vemos emergir com força total conteúdos inconscientes e marcas sem inscrição que são transmitidas ao recém-chegado membro da família. A criança é atravessada pela história que a precede e a atravessa, assim como pelas lacunas dessa história (Inglez-Mazzarella, 2006).

O trauma da indiferença no ambiente da família

O modo relacional transmitido aos filhos pode ser favorável ou constituir um entrave à construção identitária. Não se deve olvidar que o amor parental é propagado de geração em geração. O ventre materno é o lugar de constituição do corpo do bebê, assim como gerador de elementos fundamentais na constituição da realidade psíquica da criança. O dentro do corpo da mãe e o investimento parental criam um espaço psíquico para a criança existir, no qual as heranças afetivas são introjetadas. A mãe só será capaz de transmitir a partir de seu próprio modo de funcionamento. Desse modo, os elementos caóticos de sofrimento que não encontram possibilidade de expressão na mãe podem ser obstáculo, de diferentes modos (dependendo da singularidade de cada história psíquica), à qualidade da constituição de um universo intrapsíquico e de uma realidade afetiva a partir das redes de significação aprendidas em sua história (Adesse, 2019).

A indiferença na perspectiva da psicanálise se insere no campo do traumático e diz respeito à questão do excesso pulsional e dos limites da representação, apontando para a presença de impressões psíquicas que escapam ao circuito representacional do psiquismo do sujeito. No

cenário da indiferença, a intensidade pode condenar ao recurso-limite da evacuação dessas intensidades excessivas, traumáticas.

O conceito de trauma está relacionado com o excesso de excitação no aparelho psíquico. “A inundação do aparelho psíquico com grandes quantidades de estímulo não pode ser detida; faz-se necessária, antes, outra tarefa, a de dar conta do estímulo, de ligar psiquicamente as quantidades de estímulo invasoras, para então despachá-las” (Freud, 1920/2018, p. 85). Considerando-se que a concepção de trauma se refere ao valor conferido àquilo que é efetivamente experienciado num cenário de excesso, Moraes e Macedo (2011) apresentam uma leitura sobre essa noção, cujo ponto de ancoragem é a “vivência de indiferença”, entendida como violência psíquica imposta à criança por parte de um adulto em um tempo primordial da estruturação do psiquismo. As autoras concebem a indiferença como o oposto da capacidade de amar, algo que mutila o direito de existir, o caráter de excesso da experiência de indiferença, fazendo com que as intensidades vividas não encontrem vias de expressão simbólica. Entende-se o traumático da vivência de indiferença como o alicerce que dá sustentação e estrutura a uma singular forma de padecimento psíquico (Moraes & Macedo, 2011).

Encontramos certa ressonância teórica entre as proposições das autoras mencionadas com algumas formulações de Green (1988), quando o autor ressalta que o desamparo psíquico da criança é a angústia mais temível e mais temida, aquela cujo retorno deve ser evitado a qualquer preço. A falta de apoio do outro se faz angustiante principalmente por conta do caráter desorganizador das tensões libidinais existentes no desamparo psíquico da criança, efeito de um encontro traumático. “A ameaça aqui incide sobre as primeiras matrizes de organização do ego, cujas construções precárias resistem mal à inundação libidinal” (Green, 1988, p. 83). A vivência de indiferença como processo de desencontro primordial apresenta como um de seus principais efeitos, o domínio do desconhecimento a respeito de si próprio. A intensidade da indiferença experimentada interfere no acesso a um processo de diferenciação e autonomia da criança. Esse primeiro tempo de suas vivências confere impactos inevitáveis no alicerce da construção do eu. Nesse caso, o outro, que ocuparia o lugar do cuidador nesse encontro inaugural, na vigência das instabilidades e das ambiguidades, deixa o eu à mercê das intensidades.

Ao condenar o psiquismo à repetição do singular excesso histórico experimentado, a vivência de indiferença encontra, na forma de repetição em ato, uma via privilegiada de invasão de intensidades no *infans*, ato que corresponde à vigência do excesso pulsional. Isso resulta, sob diferentes manifestações – dependendo da singularidade do psiquismo de cada sujeito – na expressão de um vivido de dor psíquica. Conforme destacado por Moraes e Macedo (2011, p. 47), “a incapacidade de reconhecimento de sua demanda por parte do outro faz com que o sujeito reproduza uma inaptidão para administrar seu próprio capital pulsional”. O eu fica à mercê das intensidades, assim a dor psíquica que se encontra na matriz de indiferença usurpa do sujeito o direito de ser em sua diferença, impossibilitando que ele aceite o que representa a alteridade.

Em seu aporte teórico, Ferenczi (1933/2020) destaca que a desesperança provocada pelo trauma submete a vítima à vontade do agressor, fazendo com que a criança lhe obedeça e esqueça-se de si mesma, identificando-se totalmente com ele. O autor destaca que o trauma do abandono afetivo remete à violência do abuso da extrema frieza e indiferença o que pode ser considerada como equivalente ao infanticídio; tais crianças “veem-se física e psiquicamente indefesas e sem a possibilidade de protestar, mesmo em pensamento, diante da força e da autoridade esmagadora dos adultos que a emudecem” (Schor, 2017, p. 100). Assim, ao atingir

seu ponto culminante, a desesperança provocada pelo trauma faz com que as vítimas se esqueçam de si mesmas. A consolidação da identidade desses sujeitos fica comprometida, pois, não conseguindo ganhar distância do que foi vivido na infância, não conseguem conquistar autonomia, dificultando a elaboração de um novo sentido que dê conta da experiência emocional vivida. Os traumas em tenra idade podem culminar no distanciamento da vida emocional devido às defesas erguidas ao não haver recursos para o reconhecimento do que, dentro de si, não encontra espaço para ser representado, por não haver amadurecimento psíquico para acolher as experiências traumáticas iniciais.

Considerando o desamparo e a insegurança que inauguram a existência do ser humano, a ausência de cuidado afetivo pode ser vivenciada internamente com intensidades inomináveis, ameaças que fazem com que o mundo externo venha a ser percebido psiquicamente como atacante. Desse modo, o ego se encontra, muitas vezes, assombrado por seus objetos internos. As fraturas nas relações com os objetos de amor tendem a gerar um sentimento no qual dominam a desconfiança, o temor, a intolerância, a vingança, a inveja e o ressentimento atualizados, os quais denunciam, de certa maneira e sob diferentes vertentes – haja vista a dimensão de singularidade de cada sujeito – a qualidade do que foi experimentado como vivência inaugural (Moraes & Macedo, 2011).

Na perversão moral, a relação entre a constituição narcísica e as organizações defensivas perversas se configura como modalidade de resposta diante de um fechamento no amor de si mesmo, no qual não há reconhecimento da diferença: trata-se, na base dessa modalidade de resposta, de uma recusa da alteridade. São sujeitos profundamente feridos em seu narcisismo, marcados pela necessidade imperativa de sujeitar o outro para afirmar que só há lugar para si mesmo. Tal recusa reforça a base narcísica de sua dinâmica psíquica, na qual “está em ação uma atividade mortífera que visa a todo custo à anulação da alteridade, à recusa ativa da autonomia narcísica do objeto” (Cardoso & Vale, 2016, p. 87).

No que tange ao modo de funcionamento desses sujeitos, o prazer é obtido por meio da destituição do outro de seu valor subjetivo. Tudo acontece em prol de sua supervalorização a expensas do outro, como um predador rumo à destruição da identidade alheia, exercida por meio de uma predação moral, por um ataque e uma invasão do espaço mental de sua vítima-cúmplice (Eiguer, 1989), desvalorizando-a e desqualificando-a até que se veja destituída de seu próprio valor. Assim, o perverso narcísico estabelece uma relação desumanizada e baseada numa indiferença.

Devido às falhas graves na representação do eu, esse perfil de agressor apresenta acentuado comprometimento psíquico que o faz elevar suas defesas e o impede de estabelecer vínculos afetivos autênticos. Portador de um repertório emocional precário e limitado, foi afetado nas bases de sua constituição narcísica num tempo fundante de seu psiquismo. As interações com seus cuidadores primordiais foram de ordem traumática.

O vínculo, um tipo particular de relação com o objeto que confere sustentação psíquica, ocorre por meio de influência recíproca no entrelace de inconscientes na relação da criança com seu primeiro objeto de amor. Sendo a maternidade um processo que ocorre juntamente com o processo de constituição do bebê, a influência dos conteúdos não elaborados transmitidos pelas gerações anteriores acaba por abalar a qualidade da relação do provedor afetivo com a criança. Desse modo, tanto os conflitos psíquicos sofridos no percurso subjetivo quanto a transmissão psíquica transgeracional compõem esse quadro clínico.

Neste artigo a proposta consistiu em pensar a violência moral, com ênfase na relação mãe-bebê, ressaltando o desamor como experiência inaugural nessa relação com o objeto primário.

Pensando os processos de subjetivação, foi posto em destaque o desinvestimento afetivo excessivo e contínuo por parte dos cuidadores, interiorizado pelo infante como algo irrepresentável, inviabilizando a identificação do sofrimento imputado. O desamor seria para o infante uma experiência de morte que inaugura uma cicatriz narcísica, cujo desfecho pode vir a ser um estado de anestesia emocional suscetível de comprometer de forma definitiva a qualidade de suas relações objetais, no plano interno como no plano externo.

O que se revela como violência moral no recorte proposto não pode ser percebido como um ataque direto, mas a violência indefectível de pais “gentilmente narcísicos”, exercida sob o véu da gentileza, repercute no psiquismo do sujeito como um desencontro afetivo brutal equivalente ao infanticídio psíquico.

Referências

- Adesse, D. B. (2019). *Maternidade e trauma; da loucura materna ordinária à extraordinária* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Ariocha, A. Z. (Diretor). (2017) *Sem amor* [Filme]. Arte; Fetisoff Illusion; Non-Stop Production; Why Not Productions; Arte France Cinéma; Les Films du Fleuve.
- Cardoso, M. R.; Vale, A. L. (2016). *Recusa da diferença e segregação do outro nas perversões*. Appris.
- Crespin, G. (2004). *A clínica precoce: o nascimento do humano*. Casa do Psicólogo.
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2016). *A indiferença e a servidão: alterações nos domínios de Narciso*. Zagodoni.
- Efken, P. H. O. (2014). *Crueldade: domínio, indiferença e alteridade*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Eiguer, A. (1989). *Le pervers-narcissique et son complice*. Dunod.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). A Revised Pschopatology of the Psychoses and Psychoneuroses. In W. R. D. Fairbairn, *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Tavistock. (Trabalho original publicado em 1941).
- Ferenczi, S. (2020) Reflexões sobre o trauma. In J. Dupont (Org.), *Obras completas de Sándor Ferenczi*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Figueiredo, L. C. (2018). *A psicanálise: caminhos no mundo em transformação*. Escuta.
- Freud, S. (2018). *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Vol. 12, 6a ed.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2018). *Obras completas: História de uma neurosesa infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Vol. 14, 4a ed.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17-43). Escuta.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Escuta.
- Green, A. (2007). *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Éditions du Panama.

- Gutierrez, D. M. D., & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, 3(2), 3-24. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso.
- Hirigoyen, M. F. (2014). *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*. Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1998)
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. Via Lettera.
- Inglez-Mazzarella, T. (2006). *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. Escuta.
- Jeammet, N. (2001). *Les violences morales*. Éditions Odile Jacob.
- Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Ágalma.
- Laznik, M.-C. (2004). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Ágalma.
- Mancel, S. (2007). La violence insidieuse. *Cahiers de Gestalt-thérapie*, (20), 207-224. <https://doi.org/10.3917/cges.020.0207>
- Moraes, E. G., & Macedo, M. M. K. (2011). *Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor*. Casa do Psicólogo.
- Racamier, P. C. (2012). *Les perversions narcissiques*. Payot & Rivages. (Trabalho original publicado em 1986)
- Savietto, B. B. (2010). *Drogadicção na juventude contemporânea: a “intoxicação” pelo outro* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Schor, D. (2017). *Heranças invisíveis do abandono afetivo*. Blucher.
- Winnicott, D. W. (1993). O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott (1993/1965), *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958; respeitando-se a classificação de Hulsjmand, temas 1958j).
- Winnicott, D. W. (2020). *Bebês e suas mães*. Ubu.
- Santos, N. T. G., & Zornig, S. A.-J. (2014). Primeiros tempos da maternidade: indiferenciação ou intersubjetividade na relação primitiva com o bebê?. *Estilos da Clínica*, 19(1), 78-90. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i1p78-90>
- Zornig, S. M. A.-J. (2015). Clínica dos primórdios e processos de simbolização primários. *Psicologia Clínica*, 27(2), 121-136. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200007&lng=pt&nrm=iso.

Revisão gramatical: Mayara Leite

E-mail: revisao@tikinet.com.br

Recebido em janeiro de 2023. – Aceito em julho de 2024.